

POSTES
10
CENTIMES

Nº 069030

Madalena Oliveira

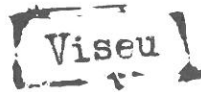
viselli



Viseu
na beira
postal

post card

Panorama



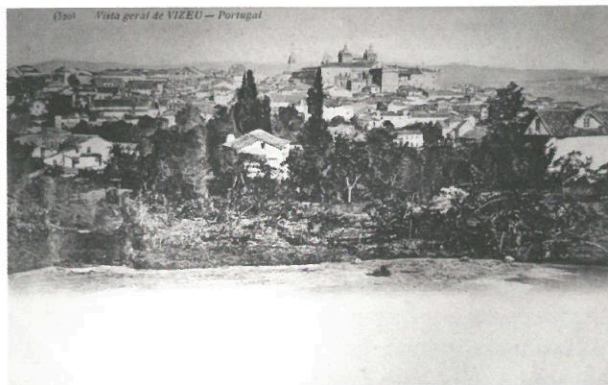
" Chego (Cidade insigne) a contemplar-te
Viseu de cinco séculos memorados
que em tanto já florente, já prostrada,
teatro foste de Minerva, e Marte.
Não poderá a fortuna aniquilar-te,
Pois sendo tantas vezes assolada
(qual Fenix entre as chamas abrasada.)
tornas das mesmas a levantar-te.
Eternize a estampa teu retrato,
do Letes apesar teu sevo imigo
mas também se oponha o tempo ingrato.
És glória, de Lusos, de Arabes castigo,
Seta de Afonso, triunfo de Veriato,
berço a Eduardo, marmore a Rodrigo."

SONETO DE JORGE CARDOSO, NO PREFÁCIO DE DESCRIÇÃO DA CIDADE DE VISEU¹



Poder-se-ia esperar que, sendo Viseu uma localidade interior, tradicionalmente ligada aos trabalhos do campo, sobretudo da vinha, o repertório visual desta região beirã estivesse mais ligado à paisagem natural. A própria geografia da cidade que se eleva no centro de um extenso planalto faria talvez prever que dela se avistassem postais de enquadramento das serras que a envolvem de todos os lados. Ao invés, de Viseu postaliza-se antes de mais a vista urbana que denota uma certa vaidade relativamente à arquitectura e à imponência de alguns edifícios. Ao pormenor ou em vistas gerais, hoje, como no passado, é antes de mais o retrato cidadão que a estampa eterniza (figuras 1 e 2). Dos mais de 500 postais recolhidos, em pesquisa na Biblioteca Nacional e junto da colecção particular da ASSOPS – Associação de Passos de Silgueiros, cerca de 70% correspondem a representações do Espaço Urbano e Arquitectura.

Figura 1 – Dois exemplares que reproduziram, numa série de 40 postais, aguarelas de António Borges, todas elas retratando o pormenor de janelas de ruas de Viseu. Esta série foi editada conjuntamente por António Borges e pela Tipografia Guerra. É também conhecida uma outra série com edição do GICAV, reproduzindo aguarelas de janelas e brasões da autoria de Eduardo Ferrão.



Cidade de poema épico², Viseu tem uma história que remonta à época castreja e que é também profundamente marcada pela Romanização, altura em que a cidade era já um centro urbano de grande relevância. O nome, esse conta a lenda que, por altura da Reconquista, um dos guerreiros cristãos que se aproximaram desta localidade terá perguntado «Que viso (vejo) eu?» Do século VIII para o século XX, o quadro viseense travestiu-se do moderno que caracteriza agora todas as cidades portuguesas: edifícios públicos, igrejas, praças, jardins públicos. É tudo isto que se perpetua hoje nos postais que atravessaram as décadas de 1900, registando o progresso urbanístico de uma cidade que sempre esteve no cruzamento de algumas das principais vias de comunicação nacionais. Tão longe do principal rio ibérico a Norte como do mar, Viseu mostra-se especialmente nas marcas da implantação humana, no modo como se ocupou a terra para a organização da vida social.

Figura 2 - Dois postais de vista geral de Viseu, a partir de fotografias aparentemente obtidas do mesmo ponto. Vista externa da cidade, onde se elevam os edifícios históricos do núcleo urbano central.

A “monumentalização” da arquitectura tradicional

Da particularidade de uma casa quase pitoresca aos edifícios emblemáticos da cidade, a arquitectura é um dos temas mais presentes nas ilustrações dos bilhetes-postais de Viseu³. No registo da fotografia ou na reprodução dos traços gráficos dos artistas locais (figura 3), desta localidade se gravaram as linhas arquitectónicas mais simbólicas da região, quase com o mesmo brio com que de outras regiões do país (como o Minho, por exemplo) se registaram os cortes

típicos dos trajes costumeiros. Cumprindo a habilidade de miniaturizar o mundo, de que falava Bachelard (2005), estes postais servem a representação simbólica e poética do espaço. Com edição do Grupo de Intervenção e Criatividade Artística (GICAV), várias séries de postais são conhecidas reproduzindo desenhos e aguarelas que têm como objecto fachadas de edifícios, fontanários, igrejas e casas típicas em perspectiva.

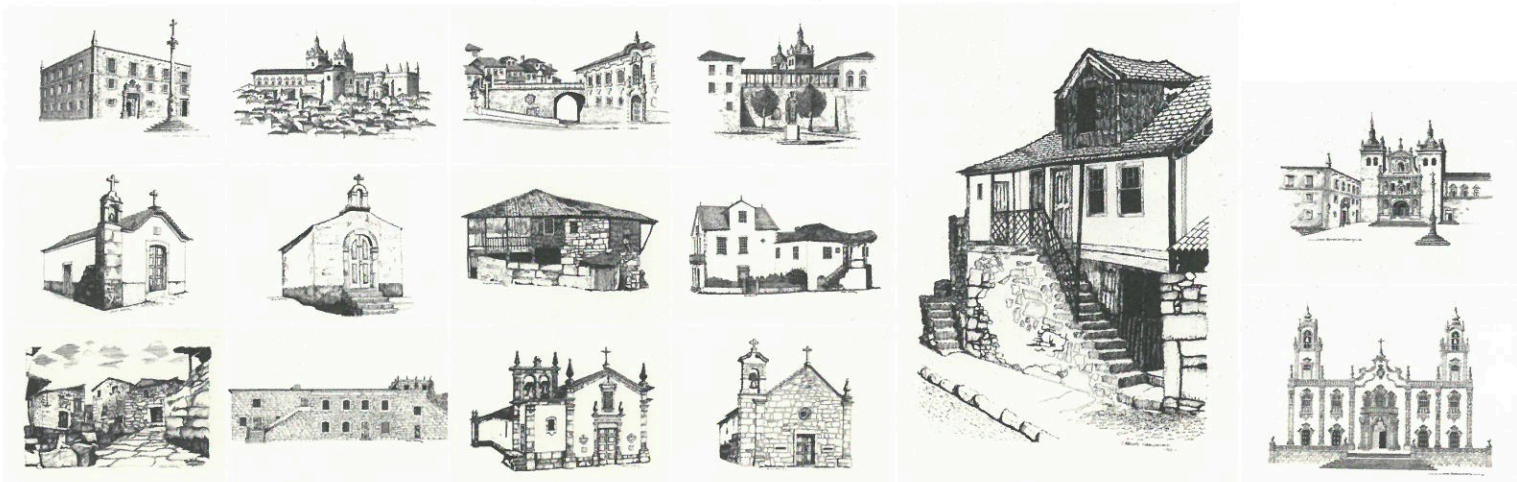


Figura 3 - Série de postais editados pelo Museu de Silgueiros com o apoio da Câmara Municipal de Viseu. As ilustrações reproduzem desenhos de Jorge Braga da Cruz e de Carlos Carvalho que representam casas de arquitectura típica e edifícios emblemáticos da cidade, como a Sé Catedral, a Igreja da Misericórdia e o Museu Grão Vasco.

O mesmo fizeram as edições Cultura e Turismo, reproduzindo aguarelas do pintor viseense Rolando de Oliveira. Para além de conferirem às obras de pintura e desenho destes artistas o carácter reprodutível que as obras de arte adquiriram na era da técnica (Benjamin,

1992), estes cartões postais parecem ter o propósito de ampliar a espessura da pedra que caracteriza a habitação histórica do interior do país (figura 4) e a delicadeza dos ornamentos dos edifícios que indiciam uma certa nobreza do gosto arquitectónico (figura 5).

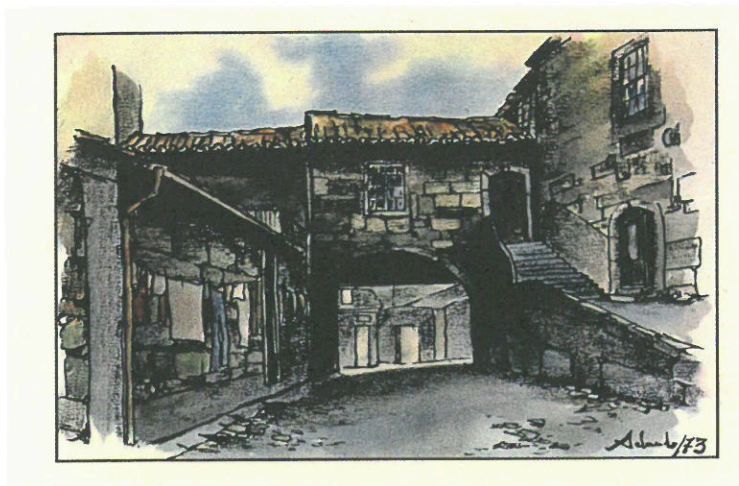


Figura 4 – Exemplar de uma série de postais editados a partir da reprodução de aguarelas de Rolando de Oliveira. Este em particular traduz uma imagem da Casa do Arco, situada junto de uma das portas da cidade, onde funciona hoje a Escola Comercial e Industrial.

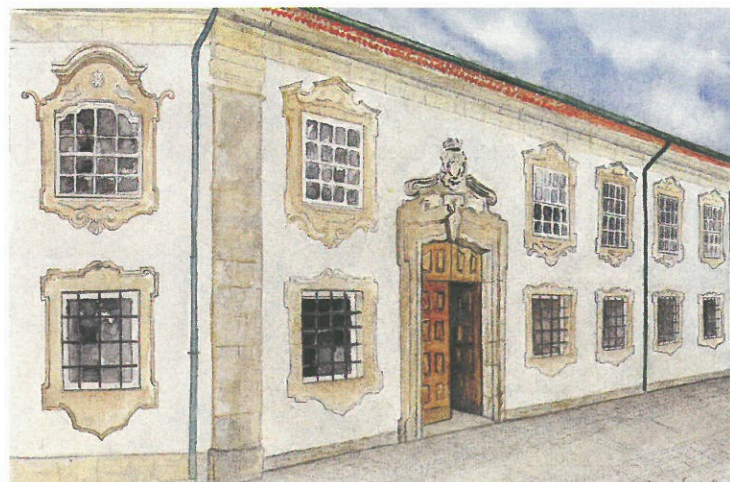


Figura 5 – Reprodução em postal de um desenho de Manuel Ferrão que representa o Solar dos Treixeiros na Rua Direita. A edição desta série é do GICAV.

Apesar da imagem de uma cidade que se avista do lado verde da paisagem (figura 6), os postais de Viseu não ignoram os restos de uma história de que se conservam marcas que remontam pelo menos à Baixa Idade Média. Dados a um certo sentimentalismo sobre a origem das cidades – função que Marian Klamkin (1974) reconheceu aos postais ilustrados –, os postais de Viseu mostram em várias abordagens as duas portas que restam das sete primitivas que fechavam a cidade

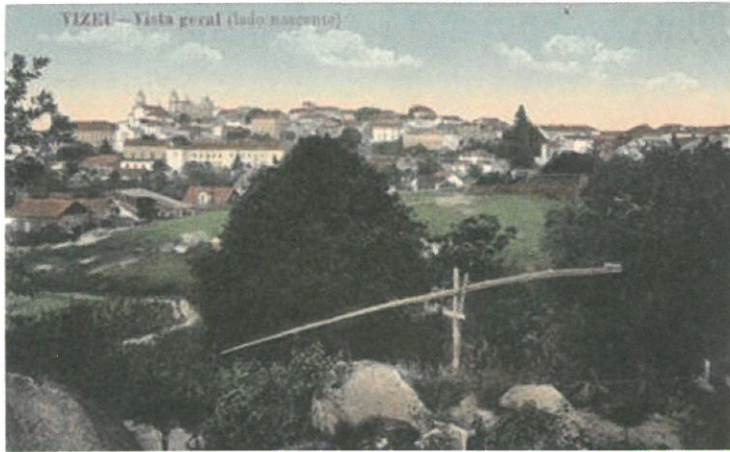


Figura 6 - Postal com uma vista geral do lado nascente da cidade, obtida nas margens rurais do perímetro urbano, no tempo da antiga grafia de 'Vizeu'.

dentro da muralha defensiva do século XV. Em fotografia, sobretudo a preto e branco mas também a cores, reprodução de desenho em grafite ou de aguarela policromada, as Portas do Soar e dos Cavaleiros estão na frente de vários postais. Locais simbólicos da cidade, estas portas são nas ilustrações postais uma espécie de passagens que convidam de algum modo a entrar numa cidade que se atravessa entre o rústico e uma certa soberania sobre os campos agrícolas envolventes.



Figura 7 Postal antigo editado a partir de uma fotografia de tons sépia de objectiva apontada à Porta do Soar, hoje conhecida como Arco dos Mellos. Imagem digitalizada a partir do exemplar depositado na Biblioteca Nacional.

A probabilidade dos lugares

Os postais de vistas são talvez os mais frequentes da história dos postais, em boa parte devido ao fenómeno dos postais de saudações (Gruss aus...) (Willoughby, 1993). Ora, de Viseu, como de todas as cidades, este tipo de postais está ligado aos locais de visita mais prováveis, aos mais majestosos, que em boa parte dos casos estão profundamente marcados pela religiosidade dos povos. Avistando-se de fora pela altivez das suas torres, a Sé Catedral é não só um desses locais centrais da cidade como um dos edifícios mais vezes impressos na matriz dos postais. Os tons variam entre o preto e branco, o sépia e os filtros modernos das câmaras

que dão cor ao horizonte. A vista, por seu lado, segue mais a panorâmica própria do olhar do que a verticalidade do edifício (figura 8).

Concorrendo com a imagem da Catedral, a Igreja da Misericórdia é tão visível quanto a própria Sé, dela se tendo reproduzido igualmente representações fotográficas e de pintura. Sendo impossível ignorá-la, porque se situa justamente em frente à Sé, ou mesmo porque a sua fachada rococó do século XVIII se impõe à vista, esta igreja repete-se a si própria em vários cartões postais que, na maior parte dos casos, escondem o muro que a cerca (figura 9).

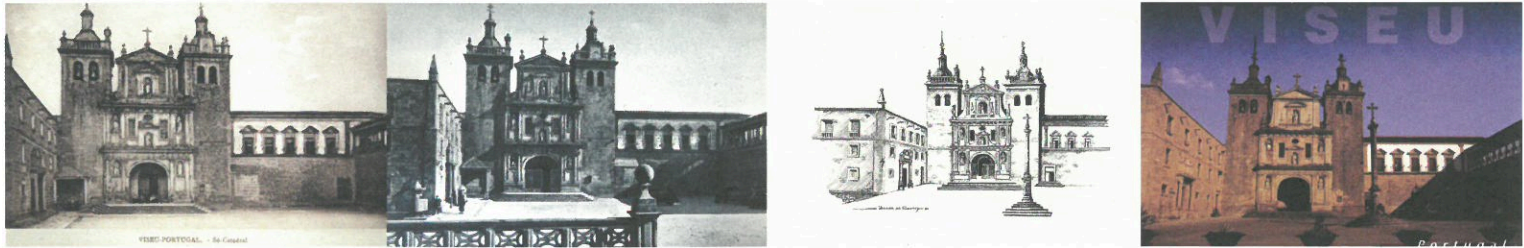


Figura 8 – Reprodução de postais diversos da Sé Catedral de Viseu. Da esquerda para a direita, imagens fotográficas antigas, reprodução de um desenho de Jorge Braga da Costa e fotografia contemporânea, num postal editado pela Forways, Lda.



Figura 9 – Reprodução de postais da Igreja da Misericórdia, uma construção da segunda metade do século XVIII que ocupa um largo murado na praça da Sé Catedral.



Figura 10 – Postal da Igreja do Carmo, uma construção de meados do século XVIII. Este exemplar conserva-se na Biblioteca Nacional de Lisboa como um dos postais da época das estampilhas de 10 réis para Portugal e Espanha e respectivas colónias e de 25 réis para o estrangeiro.

Mas a religiosidade das gentes de Viseu estende-se também à visibilidade de outras igrejas e do próprio Seminário Maior. Da Igreja de S. Francisco, à Igreja do Carmo (figura 10), passando pelas Capelas de Nossa Senhora das Neves e de Nossa Senhora da Guia, pela Igreja de Santa Maria de Silgueiros e pela Igreja dos Terceiros, o percurso visual da marca da Igreja Católica em Viseu

estende-se ao edifício do Seminário (figura 11) e ao Passo de Fontello, a residência oficial dos Bispos da diocese, construída no século XIX. Reflectindo uma aura de respeitabilidade, como sugeria Frank Staff (1966), estes postais constituem uma espécie de álbum sacro de Viseu, onde se incluem também algumas imagens das talhas douradas dos altares.



Figura 11 Postais do Seminário Maior de Viseu. À esquerda, uma imagem muito provavelmente do início do século XX, com pessoas na frente do edifício que se adivinharia serem familiares dos estudantes em preparação para a vida eclesiástica. À direita, uma imagem, que apesar das dificuldades de datação da maioria dos postais, aparenta corresponder aos anos 1970.

A ‘monumentalização’ das personalidades

Alguns dos primeiros postais ilustrados conhecidos são postais comemorativos que evocam personalidades e datas ou eventos relevantes. Sabe-se que o primeiro postal ilustrado português celebrava o 500º aniversário do nascimento do Infante D. Henrique, uma figura também imortalizada quer no monumento erguido na Praça da República de Viseu quer no postal que estende essa imagem como um dístico do turismo da cidade. Mas a monumentalização de personalidades em Viseu

está também postalizada para as figuras de D. António Alves Martins, bispo da diocese, do Rei D. Duarte ou da mais mítica de todas, a de Viriato (figura 12), o herói lusitano que se pensa ter nascido nas imediações de Viseu e que mudou o nome da primeira sala de espectáculos da cidade⁴ (figura 13). A eternização de determinadas personalidades está também bem patente na série de aguarelas de bustos em réplica editada pelo GICAV, numa evocação de personalidades portuguesas (figura 14).



Figura 12 Postal fotográfico do Monumento a Viriato.

Figura 13 Imagem do Teatro Viriato, encerrado de 1960 a 1985, por não ter conseguido fazer face à modernidade do Teatro Avenida. Hoje, porém, é a principal sala de espectáculos da cidade.



Figura 14 Reprodução de aguarelas de Eduardo Ferrão que evocam personalidades desde Luís de Camões a João de Barros, editada pelo GICAV.

A arte no postal

Muito a propósito da febre de colecionismo identificada genericamente por todos os autores que escreveram as diversas histórias dos postais ilustrados (Willoughby, 1993; Staff, 1966 ou Klamkin, 1974, por exemplo), também de Viseu se conhecem inúmeras reproduções de objectos artísticos ou museológicos. Editadas em parte pelo Museu Grão Vasco – também documentado em bilhetes-postais – algumas séries de cartões ‘policopiaram’ as peças em exibição trazendo o museu para fora de portas.



Figura 15 – Reprodução em postal de duas peças de porcelana, à esquerda, e de um óleo sobre madeira, uma imagem representando ‘Cristo em casa de Marta’, à direita

Peças em porcelana ou pinturas de Vasco Fernandes (figuras 15 e 16), o Grão Vasco que dá nome ao Museu e que é considerado um dos principais pintores quinhentistas portugueses, estes postais têm muito provavelmente menos de comunicação interpessoal do que de objectos de colecção e recordação. Não se conhece propriamente a amplitude da difusão destas séries, mas admite-se que só muito residualmente tenham circulado como suportes de mensagens escritas.





Figura 16 – Imagem de uma pintura de Vasco Fernandes, representando S. Roque. Este postal faz parte de uma colectânea em livro de postais destacáveis por picotado.

Da fisionomia das gentes aos traços das actividades

Se as paisagens rural e urbana são uma das primeiras imagens que traduzem “o sabor da terra”, como sugerem José Mattoso, Suzanne Daveau e Duarte Belo (2010), logo a seguir vêm os homens, naquilo que a sua fisionomia e actividades têm de particular. Não são, apesar de tudo, muito abundantes os postais que conhecemos sobre as gentes de Viseu. A idiossincrasia deste povo dilui-se na figura-tipo da Beira

Alta, como bem ilustra uma série de postais editados pelo Rancho Folclórico de Torredeita, a pretexto dos trajés típicos desta região (figura 17). Bem mais conhecidos são, ao invés, os seus movimentos pela Praça de Camões (figura 18), ainda hoje um dos locais mais turísticos da cidade, e pelo campo de Viriato, onde anualmente se realiza, em Setembro, a Feira de S. Mateus (figura 19).



Figura 17 - Postal editado pelo Rancho Folclórico de Torredeita, exibindo os trajés típicos regionais da Beira Alta.



Figura 18 - Postal da Praça Luís de Camões, com um aglomerado de pessoas que parecem fitar a câmara fotográfica, qual cena em pose, como aliás o são quase todas as das imagens reproduzidas no final desta brochura.



Figura 19 – Imagem do Campo de Viriato

As rotinas comerciais são, na realidade, uma das imagens mais curiosas de Viseu. Elas exprimem o encontro das gentes que habitavam o centro da cidade com as pessoas que vinham de fora. Emblemática da vida comercial de Viseu, a Feira de S. Mateus, que terá sido originalmente a Feira Franca, criada em 1188 por D. Sancho I, tem essa dupla faceta de exibir o artesanato próprio da região (talvez cada vez mais o artesanato

de diferentes regiões de Portugal e até de outros países) e de ser um ícone da própria cidade, ampliado numa série de postais que reproduzem alguns dos mais simbólicos cartazes da sua história (figura 20). Constituindo talvez o mais completo repertório visual do século XX (Phillips, 2000), não espantará, pois, que os postais ilustrados sejam o suporte que recupera o que, em Viseu, deve responder à lendária pergunta «Que visou eu?».



Figura 20 – Série de pelo menos seis postais, editada pela Comissão da Feira de S. Mateus de 1995. Trata-se da reprodução de cartazes da feira, em algumas das suas edições durante o século XX. Da esquerda para a direita, os cartazes 'miniaturizados' correspondem à Feira de 1929, 1930, 1937, 1949, 1953 e 1963.

Notas:

1. Citado a partir do texto de Sara Augusto, intitulado «Descrição da Cidade de Viseu: um poema épico barroco».
2. Viseu é a cidade 'descrita' por João de Pavia, em 1638, num poema épico que retrata a história e as grandes personagens da cidade, onde o autor localizou o centro geográfico e humano português. Escrito em dez cantos como Os Lusíadas, a Descrição da Cidade de Viseu é, na verdade, um documento histórico que, para além de registar a história da cidade, se constitui também como uma narrativa patriótica, que denota o especial interesse de João de Pavia pelas 'coisas de Viseu' (Augusto, 2001).
3. Nas referências aos temas e aspectos mais relevantes dos postais de Viseu deve ter-se em conta que este trabalho resulta de uma leitura do material colectado pela equipa de investigação e não ao universo de todos os postais eventualmente editados a propósito desta cidade. Crê-se, na verdade, que o número de postais editados a pretexto de Viseu exceda francamente as cinco centenas de exemplares a que tivemos acesso.
4. Tendo sido fundada em 1883 como Teatro da Boa União, a primeira sala de espectáculos de Viseu passaria a chamar-se Teatro Viriato, a partir de 1898, em honra de Viriato, essa figura que se crê ter sido chefe dos Lusitanos.

Referências Bibliográficas

AUGUSTO, Sara (2001), «Descrição da Cidade de Viseu: um poema épico barroco», in Revista Máthesis (Universidade Católica Portuguesa) nº 10, pp. 35-58

BACHELARD, Gaston (2005), *A poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes

BENJAMIN, Walter (1992), *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio

KLAMKIN, Marian (1974), *Picture Postcards*. London : Newton Abbot

MATTOSO, José et al. (2010), *Portugal, o sabor da terra: um retrato histórico e geográfico por regiões*. Lisboa: Círculo de Leitores

PHILLIPS, Tom (2000), *The postcard century, 2000 cards and their messages*. London: Thames and Hudson

STAFF, Frank (1966), *The picture postcards and its origins*. London: Lutterworth Press

WILLOUGHBY, Martin (1993), *História do Bilhete-Postal*. Lisboa : Caminho

Ficha técnica:

Título: Viseu na Beira postal

Autor: Madalena Oliveira

Edição: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Local: Braga

Ano: 2011

Apoio:

FCT [Projecto Postais Ilustrados: para uma sócio-semiótica da imagem e do imaginário PTDC/CCI/72770/2006, coordenado por Moisés de Lemos Martins]

Ilustrações:

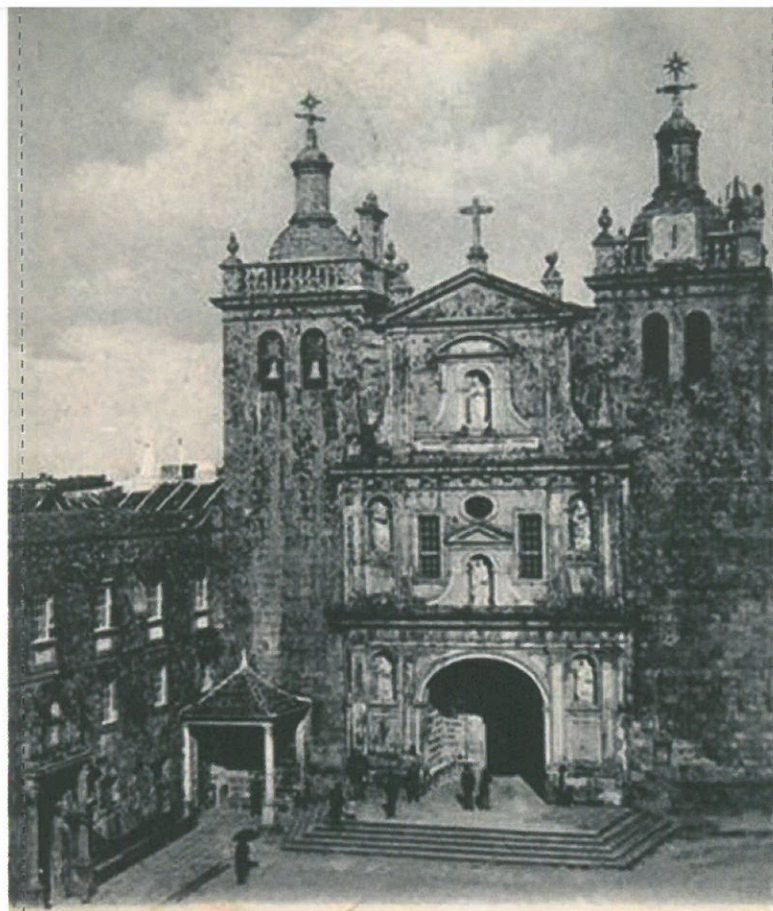
Reprodução digital de postais recolhidos para estudo, junto da Biblioteca Nacional e da ASSOPS – Associação de Passos de Silgueiros

Agradecimento especial ao Inspector António Lopes Pires, fundador e actual Presidente da Direcção da ASSOPS, pela possibilidade concedida à equipa deste projecto de investigação de digitalizar todos os postais da sua colecção particular.

Design e Impressão: nextbrand.pt

ISBN: 978-989-97244-5-7

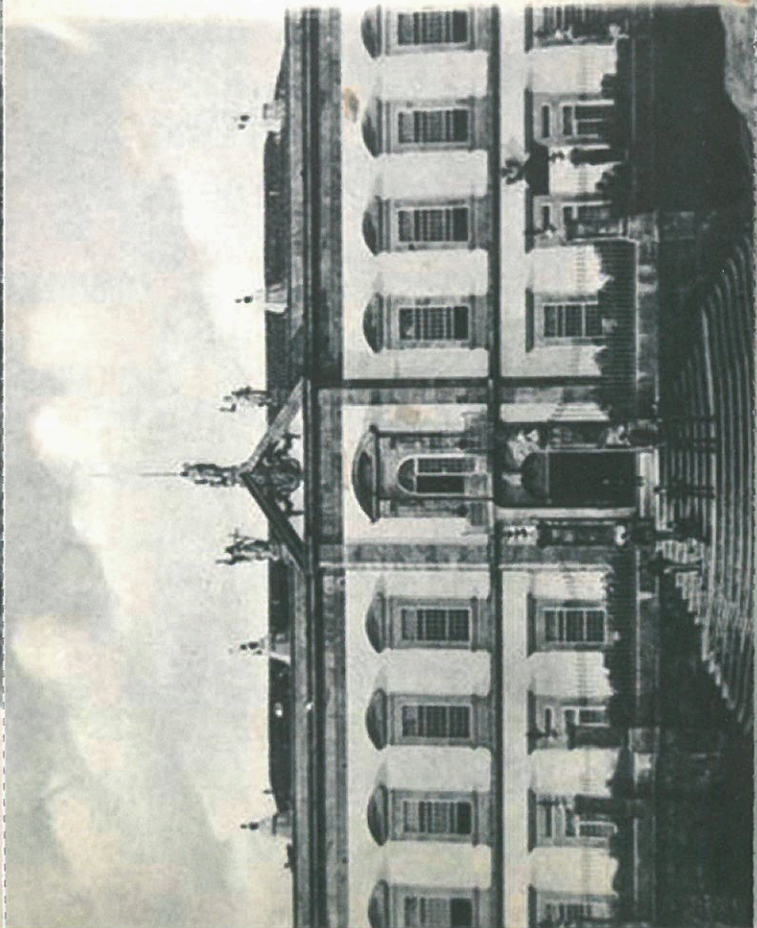
Depósito Legal: 336 650/11



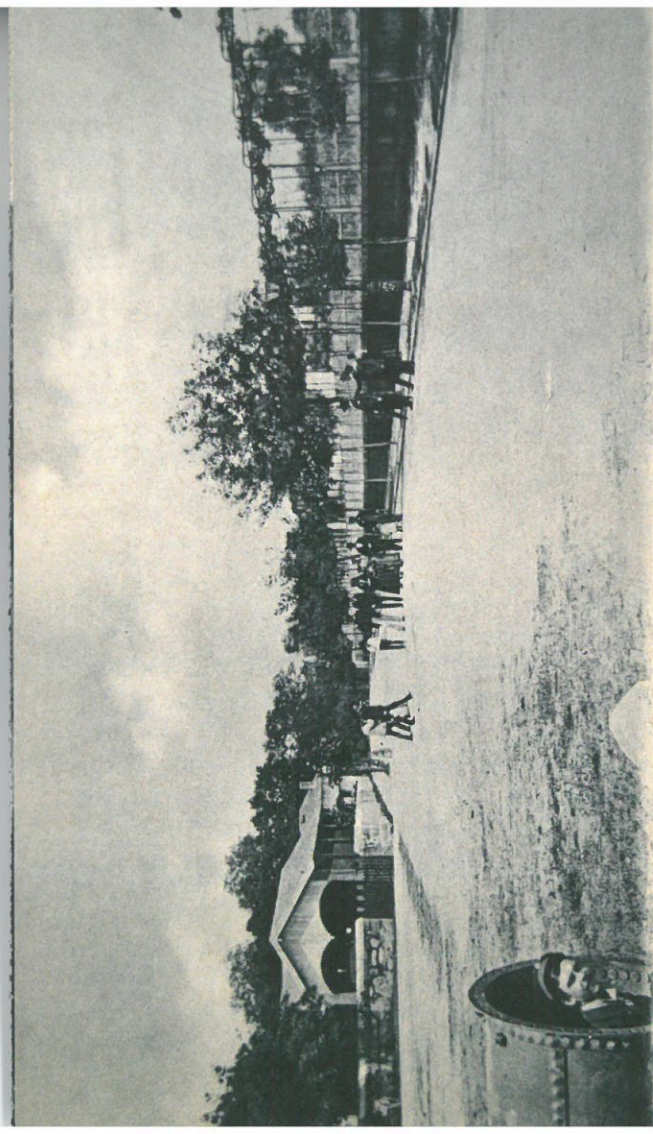
VIZEU — S — SE
— Das duas torres a que fica do lado direito é construção do século XIII, excepto a cúpula que é do século XVII; a do lado esquerdo é toda do século XVII. A parte compreendida entre as torres, foi reconstruída em 1835 pelo architecto Salamanca João Moreno.

PORTUGAL — COLLEVI

VIZEU — S — SE
HOSPITAL CIVIL
— É, sem dúvida o hospital mais bem montado da Beira Alta; nas melhores condições hygienicas e de construção moderna. A sua construção teve começo em 7 de Maio de 1825 e em 1835 era aberto ao publico no meio de ruidosas festas.



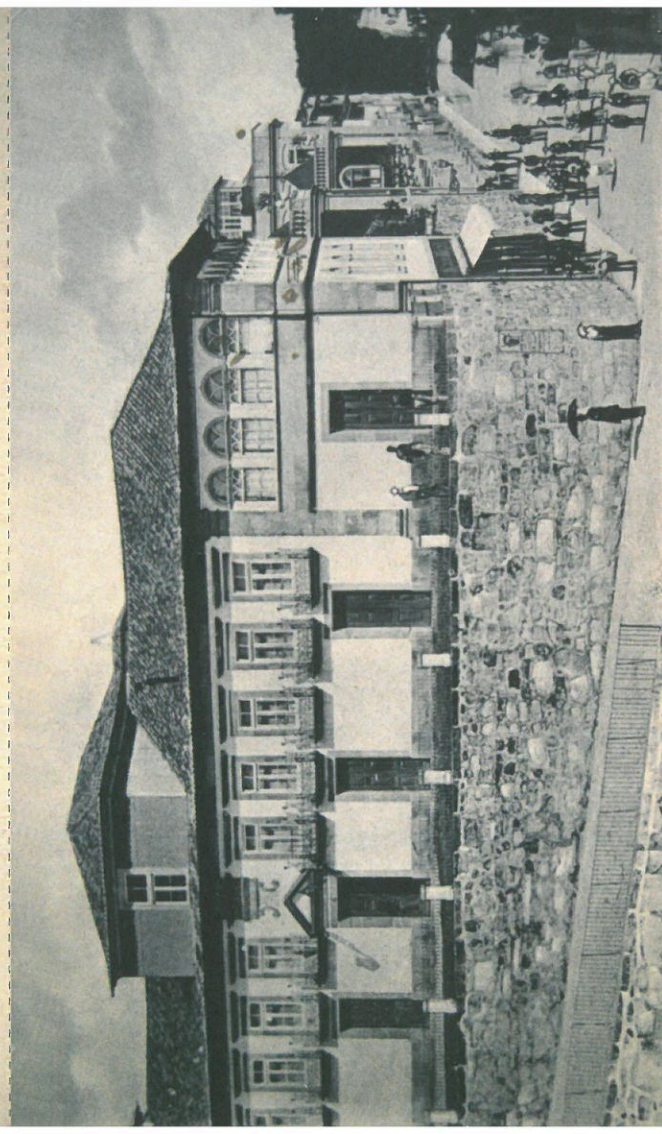
PORTUGAL — COLLEVI



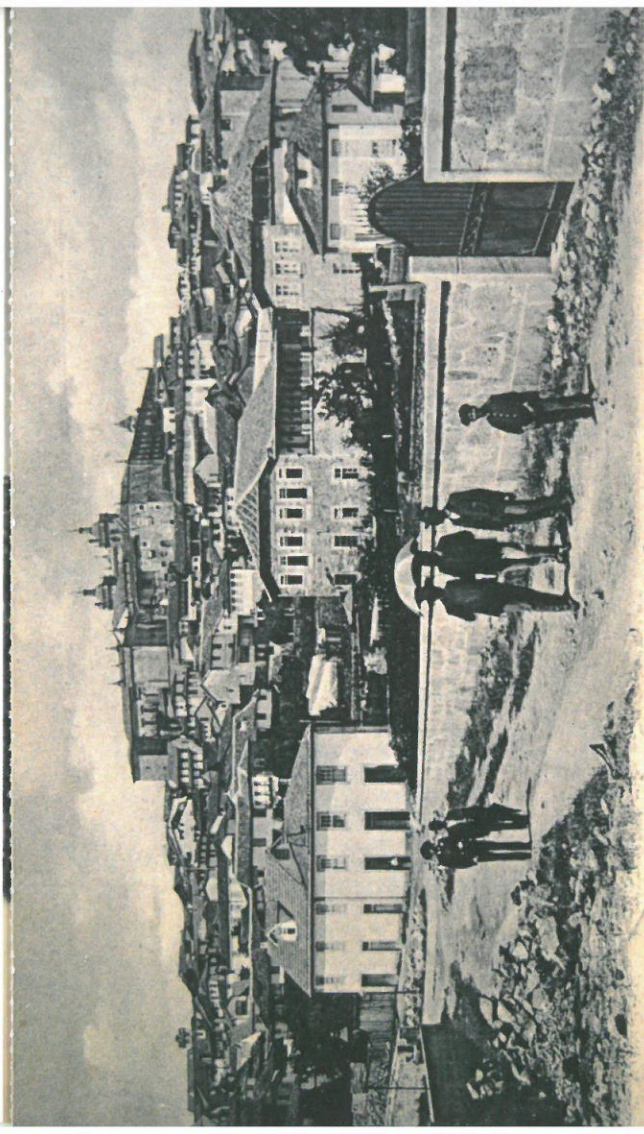
VIZEU — 17

AVENIDA DA ESTAÇÃO
Ampla avenida da Estação do caminho de ferro, construída pelo município vizense, para o que muito concorreu o grande labutador Joaquim Perreira da Silva.

PORTUGAL—IX. XIII



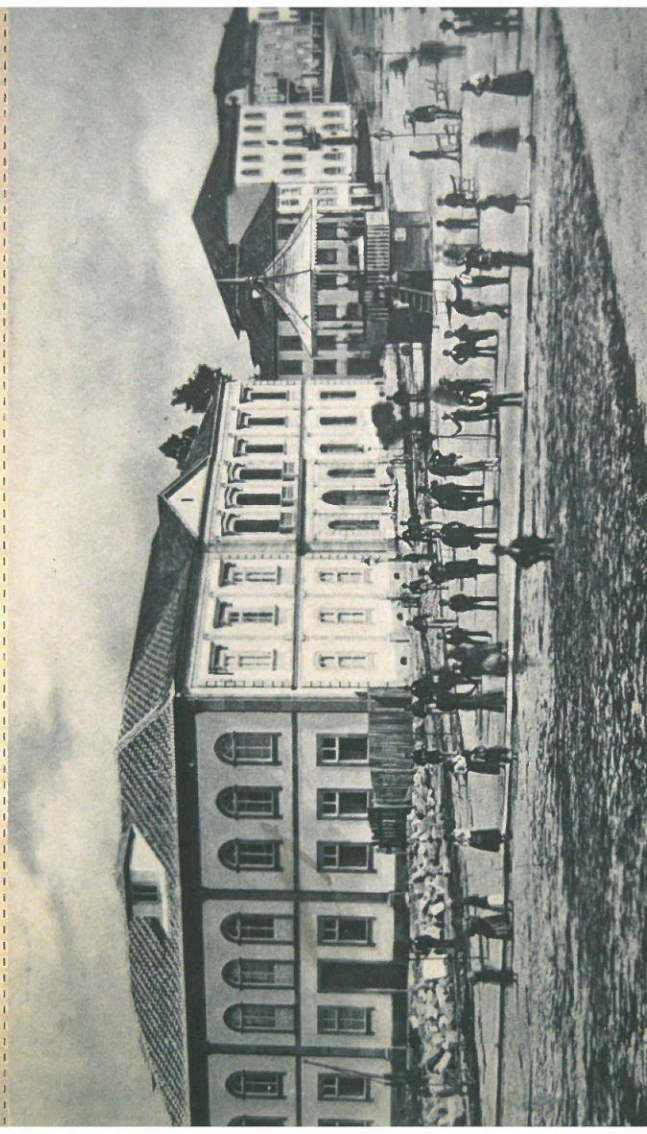
VIZEU — II — GREMIO VIZENSE — Edifício reconstruído apoz um incendio occorrido em 7 de Janeiro d'1877, por socios do «Club de Vizeu», sociedade que se fundou com a antiga «fissmbleia Vizense», passando a denominar-se «Gremio Vizense».
PORTUGAL — DXXXVI



PORTUGAL
VIZEU

PANÓRAMA

CO.LIX



VIZEU — 20 — PAÇOS DO CONDELHO E PASSEIO D. FERNANDO — E' passeio da «élite» viziense o antigo e historico Rocio de Santo Antonio, no Rocio de Maçorim. A sua designação actual foi-lhe dada solememente em 29 de Outubro de 1845, em homenagem ao rei-artista, cujo anniversario natalicio era n'aquelle dia. Ultimamente tem sido bem cuidado.

PORTUGAL—DXXVVI

visell